

VAMOS CONHECER MELHOR O OUTRO? UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E NO 1º CICLO

Ana Rita Horta

Universidade de Évora
ana_rita_horta@hotmail.com

Conceição Leal da Costa

Universidade de Évora
mclc@uevora.pt

Ângela Dourado

Agrupamento de Escolas Severim de Faria
angeladourado@live.com.pt

Resumo

O estudo que apresentamos está em desenvolvimento nas unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB. Realizando-se em ambas as valências, tem como objetivo geral *compreender a participação das crianças na (re)construção de significados para melhor conhecermos o outro, valorizando a diversidade cultural e práticas pedagógicas documentadas*. Tomando a participação das crianças como fundamental e a valorização da diferença relacionada com aprendizagens de qualidade, assume-se o carácter multicultural das sociedades contemporâneas. Reconhecem-se os desafios que os processos de globalização e de mundialização da cultura têm trazido para as escolas e para os docentes, as dificuldades, assim como as dúvidas, para ultrapassar visões das diferenças como

problema na educação escolar das crianças (Moreira & Candau, 2005). A produção/recolha de informações durante a prática pedagógica em contexto, faz-se durante o desenvolvimento da prática pedagógica. Para tanto, utilizam-se instrumentos diversos quer na observação participante, quer na intervenção cooperada. Os dados, documentação pedagógica e notas de campo, em registo escrito e imagem, decorrem da ação pedagógica, do processo de supervisão colaborativa, incluindo planeamento e reflexão sistemática, processos alinhados, também, para os objetivos da investigação. A análise de evidências e a interpretação vão deixando emergir uma narrativa que se vai construindo, enquanto forma privilegiada da construção do conhecimento profissional/científico (Passeggi, 2011; Suárez & Metzdorff, 2018). Alinhada com perspetivas de investigação-ação-formação (Pineau, 2006; Passeggi, 2011) e concluída a PES no 1º CEB, nesta comunicação partilhamos influências que a atenção à diversidade cultural exibiu durante a permanência nesse contexto. As produções resultantes da intervenção cooperada emergiram de necessidades curriculares, curiosidades das crianças e vontade da futura docente/investigadora, levando a trocar-se correspondência com crianças de outros países. Tais contactos medeados por essa escrita dialogada entre crianças, permitiram-nos registar temas, ideias e curiosidades. Simultaneamente, planeámos de acordo com as necessidades curriculares, refletindo semanalmente sobre como se identificaram, compreenderam e potenciaram relações entre ambientes quotidianos, respetivas culturas e a escola, assim como sobre influências de saberes prévios e curiosidades das crianças nas práticas pedagógicas e nas aprendizagens que se desenvolviam. Nesta busca de compreensão, os relatos mostram-se portadores de sentidos quando a partir deles compreendemos as práticas a partir da análise da trajetória na PES. A escuta evidenciou consequências em aprendizagens e atitudes, assim como manteve relações com as nossas práticas profissionais intencionais, fundamentadas, criticadas, permitindo colocar em questão e fazer opções pedagógicas de forma participada e consciente. A experiência que co-construímos através de processos comunicacionais e de uma narrativa escrita, permite incorporar saber, saberes de diversas naturezas e identidade, ao mesmo tempo que a autoria de docente e investigadora surge na nossa dimensão investigativa da PES porque compreendemos a partir de quem somos, de como fazemos e nos posicionamos na escola e no mundo (Formenti, 2008; Lani_Bayle, 2020; Leal da Costa & Sarmiento, 2018).

Por isso, partilhamos, igualmente, características e influências do processo de supervisão, reportando como a capacidade de questionar, de nos questionarmos e sermos questionadas semanalmente, nos permitiu escutar as crianças, elaborar um desenvolvimento curricular com temas integradores, atravessado pela investigação. Este movimento transformador, resultante de reflexões sistemáticas e documentadas, permitiu identificar atitudes críticas

emergentes face à nossa própria ação pedagógica, identificar mudanças intencionais e sustentadas e, ainda, orientar a construção de conhecimento e o desenvolvimento profissional, incluindo a docente cooperante e participante na supervisão, justificando a sua coautoria nesta comunicação.

Palavras-chave: Investigação-ação-formação; Prática de Ensino Supervisionada; Diversidade cultural; Escuta das crianças; Conhecimento profissional.

Introdução

O estudo apresentado desenvolve-se em contexto de estágio, nas unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionado do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB. Este tem em foco a problemática da valorização da diversidade cultural como promotora de aprendizagens de qualidade, assumindo o protagonismo das crianças.

Esta questão surge de vontades próprias, das curiosidades/interesses das crianças e também de anteriores experiências docentes da professora cooperante de 1º ciclo, por ter antes lecionado noutros países.

Tendo em conta que o estudo se foca nas influências que a diversidade cultural pode ter nos processos de ensino e nas aprendizagens, as diferenças são aqui entendidas como um fator positivo, sobre as quais é importante refletir. Para tal existe a necessidade de pensar e debater as relações existentes entre a cultura dos quotidianos e o que aprendemos nas escolas, assim como providenciar relações e o potenciar os saberes prévios e as curiosidades das crianças, escutando-as e valorizando uma pedagogia participada.

O objetivo central deste estudo é compreender a participação das crianças na (re)construção de significados para melhor conhecermos o outro, valorizando a diversidade cultural com práticas pedagógicas documentadas. Em concordância com este surgem cinco objetivos específicos:

1. Compreender influências da participação ativa das crianças nas aprendizagens curriculares;
2. Documentar a experiências pedagógica;
3. Identificar curiosidades das crianças relacionadas com a diversidade cultural, nos seus quotidianos;

4. Compreender como o reconhecimento da diversidade e das diferenças culturais permitem (ou não) (re)construirmos significados sobre o outro;
5. Analisar e compreender relações entre a experiência pedagógica documentada e a construção do conhecimento profissional na monodocência.

Neste estudo iremos apresentar a metodologia utilizada, referenciar como surgiu este projeto e quais as atividades desenvolvidas ao longo do estágio de 1º Ciclo. Tendo em conta que este estudo ainda está em curso, só é possível apresentar dados relativos ao primeiro momento: a PES em 1º CEB.

Por fim, partilhamos as conclusões já desveladas pela análise das informações e pela narrativa que co-construímos no decorrer do desenvolvimento deste projeto.

Contextualização teórica

Após algumas leituras constatamos que a diversidade cultural é um tema bastante vasto e muito debatido por todo o mundo. Furtado (2014) define que a diversidade cultural é a existência de uma multiplicidade de culturas, não se baseando apenas em fatores de raça ou género, mas também nas diferenças individuais de cada um. Ao longo deste estudo pretendemos aprofundar a temática e perceber, simultaneamente, que influências é que o protagonismo das crianças pode ter para conhecermos melhor os outros.

O carácter multicultural das sociedades contemporâneas tem trazido para as escolas e para os professores alguns desafios que os processos de globalização e de mundialização da cultura têm agudizado. (Moreira & Candau, 2005) Segundo os autores, os docentes revelam dificuldades e dúvidas para ultrapassar uma visão da diversidade cultural, como problema no trabalho com as crianças para práticas em que a orientação multicultural seja emancipatória e valorizada. Acreditamos que se requer dos professores, citando Moreira e Candau (2005) “nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente” (p. 37).

Concordamos ainda que trabalhar esta temática é um desafio e continua a ser uma necessidade. As “convicções sociais, culturais e

pedagógicas dos professores, dos alunos e dos próprios pais e mães” (Dias, 1998, p.216) parecem ser um dos principais problemas. É difícil mudar mentalidades de um dia para o outro, querendo implementar projetos ou alterações consoante as necessidades e o meio que os rodeia. No entanto um projeto de investigação durante a PES pode permitir-nos que a escola além de promover aprendizagens em diferentes áreas do saber, se possa focar em interesses do grupo atravessados por esta temática, entendendo a importância de aprender que “cada cultura tem uma dignidade e um valor que se tem de respeitar e preservar.” (Peres, 1999, p.125). Ao mesmo tempo seguimos o que diz Moreira e Candau (2005) acreditando ser possível que enquanto professores, podemos construir e desenvolver os currículos de forma autónoma, coletiva e criativa, principalmente porque podemos aproveitar a fazê-lo em conjunto com docentes da universidade, para “catalisar experiências que tornem o cotidiano escolar não o espaço da rotina e da repetição, mas o espaço da reflexão, da crítica, da rebeldia, da justiça curricular” (p.37).

É importante referir que ao longo desta investigação as crianças terão um papel fundamental, pois é através dos seus conhecimentos prévios e da sua participação ativa que será possível perceber as concessões que detêm do mundo que os rodeia e que trabalhos gostariam de desenvolver tendo em conta os seus conhecimentos em torno da temática.

De forma a promover a participação ativa das crianças, acreditamos que a utilização do trabalho por projetos seja uma mais valia, tendo em conta que através destes as crianças podem aprender, aprofundar e resignificar os seus conhecimentos através da partilha de diferentes pontos de vista e de saberes.

A dimensão investigativa seguirá os princípios da investigação-ação-formação, pois através desta estratégia será possível definir problemas, investigar e refletir “a fim de tornar a intervenção educativa mais informada, deliberada e eticamente sustentada. (Alonso, 1998, p.21)

Metodologia

A dimensão investigativa segue os princípios da investigação-ação-formação (Pineau, 2006; Passeggi, 2011). A reflexão é realizada sistematicamente. Semanalmente, existem conversas com as orientadoras, em vários momentos, permitindo que se faça oralmente e depois por escrito. Essa reflexão sobre as experiências de prática,

serve para melhorar, sucessivamente, a qualidade da intervenção. A ação educativa e a dimensão investigativa que a atravessa, são suportadas por instrumentos de produção e recolha de informações, utilizados durante a observação participante, a intervenção cooperada e no processo de supervisão que acompanha o seu desenvolvimento. Tais instrumentos (planificações, reflexões semais, produções das crianças/fotografias, notas de campo e outros registos), possibilitam a organização de uma documentação pedagógica que também influencia a construção narrativa das experiências, assumindo-se que será essa uma a forma privilegiada da construção do conhecimento profissional/científico (Suarez & Metzdorff, 2018) no decorrer do estágio em ambas as PES. Desta forma pretendemos contribuir para a consciencialização da necessidade de mudanças nas metodologias e práticas pedagógicas com crianças na monodocência, mas também para compreender como a participação das crianças é importante nesses processos (Leal da Costa & Sarmiento, 2018). Pretendemos, enfim, que esta investigação contribua para me tornar educadora/professora alinhada com a perspetiva de Suarez e Metzdorff (2018), para quem é importante relatar histórias acerca da prática docente, “para que esas formas de interpretación de mundo escolar sean puestas en escritura, indagación, deliberación pública y cambio” (p.49).

O papel das crianças neste estudo é importantíssimo tendo em conta de que estes quando chegam à escola “possuem conhecimentos, conceitos, informações, preconceitos, experiências vividas, resultantes de outros agentes socializadores: família, vizinhos, meios de comunicação, etc.” (Peres, 1999, pág. 125). Cabe aos adultos estimular as crianças a terem uma participação ativa e crítica sobre acontecimentos da sociedade. Simultaneamente entendemos que deveremos ultrapassar a invisibilidade das crianças “trazendo-as para o centro, a partir do argumento de que o seu estatuto de sujeitos ativos de direitos e de atores sociais exige um comprometimento metodológico e ético que respeite essa sua condição”(Fernandes & Souza, 2020). Nesse sentido, a voz das crianças é fundamental no nosso estudo, tendo em conta que não é indiferente a forma como se produzirão os trabalhos e as reflexões no decorrer das ações que desenvolvemos. Por outras palavras, assumimos que devemos “assegurar a alteridade das crianças, a qual se tece entre vozes e silêncios, entre ditos e não ditos ancorada em processos de pesquisa respeitadores da complexidade envolvida nos processos de comunicação entre adultos e crianças” (Fernandes & Souza, 2020, p. 983).

Através de trabalho por projetos (Katz, 2006; Lopes da Silva, 2011; Vasconcelos, 2011), acreditamos ser possível construir conhecimentos com as crianças, estimulando-as a terem uma participação ativa e crítica sobre acontecimentos da sociedade, contribuindo para vermos o mundo com outros olhos e aprender a ressignificar com elas o que se passa à nossa volta, sobretudo a forma como compreendemos o outro, criança como nós, culturalmente diferente de nós e que vive noutros países. Mas, para compreendermos o outro, também temos que sentir que nos compreendem. Então como diz Lani-Bayle (2020), “ouvindo as crianças, elas nos mostram o caminho de suas necessidades e desejos. Negligenciando-as passamos ao lado do que elas experimentam. A consequência dessa negligência é oferecer-lhes um mundo inadequado e inapto para preencher objetivos educacionais e formativos” (p.956). Assim no decorrer de toda a investigação as crianças assumem o papel principal, pois é através dos seus conhecimentos, vontades e intenções que são desenvolvidos todos os projetos.

Desenvolvimento do Projeto – 1º Ciclo

O projeto elaborado com a turma de 1º Ciclo surge após a atividade “Vivências em Pandemia”, onde as crianças mostraram interesse em perceber como está a ser a pandemia em outros lugares do mundo. Após o grupo mostrar interesse em saber mais sobre o mundo que os rodeia, planeie com a docente e sugerimos o contacto com crianças de outras países de forma a que pudéssemos conhecer outras realidades. O grupo mostrou-se recetivo e partilhou o contacto de familiares que, vivendo em outros lugares, puderiam partilhar as suas vivências. As conversas foram registadas por escrito e a escrita das crianças foi fotografada.

De modo a perceber quais os conhecimentos do grupo sobre o tema da diversidade cultural, começámos por elaborar uma chuva de ideias, em que diversas crianças deram a sua opinião e falaram sobre o tema. Na reflexão semanal produzida já se notava que este momento foi fundamental, pois o grupo sugeriu quais os países que gostavam de ver contactos e partilharam os contactos que tinham nos diferentes países.

Feitas as escolhas, iniciámos o intercâmbio conforme planeado a partir dessa construção de ideias dialogada e em conjunto. Para tal, em grande grupo, foi criada uma entrevista que englobou as

diferentes questões e curiosidades das várias crianças do grupo. Esta foi enviada para os e-mails das pessoas dos diferentes países cujos contactos inventariámos e recebemos respostas de Moçambique, Timor-Leste, França, Brasil, Macau, Cabo-Verde, Estados Unidos e Inglaterra. Todas as respostas, sobretudo de professores num primeiro momento, foram analisadas com as crianças e respondidas com elas também. No decorrer das análises das respostas das entrevistas, as crianças assinalavam e documentavam o que lhes despertava mais atenção, faziam pesquisas sobre questões que tinham surgido de momento e registavam ainda questões para serem enviadas novamente, de forma a que as crianças, com quem estávamos a realizar o intercâmbio, pudessem responder e partilhar os seus conhecimentos e o seu quotidiano. Neste entretanto, o projeto curricular prosseguia, pois mesmo em tempo de pandemia as aprendizagens essenciais orientaram as práticas pedagógicas e as aprendizagens. A partir desta troca de e-mails, as crianças foram conhecendo, sucessivamente, aspetos vários do mundo e características culturais das crianças que nos foram respondendo. O grupo teve a oportunidade de conhecer novas culturas, tradições, línguas/dialetos, pratos típicos, rotina diária, horários escolares, etc... Da nossa parte, o planeamento e as reflexões com suporte documental e teórico, permitiam perceber como as aprendizagens se estavam a desenvolver e se a participação ativa das crianças era respeitada e valorizada.

Ao longo deste estágio as crianças sugeriram ainda a realização de um mapa mundo que identificasse todos os países com quem conseguimos entrar em contacto, a construção de um livro de receitas, pois as comidas tradicionais foram um dos pontos que se destacou e ainda a construção de um glossário com as mesmas palavras em diferentes línguas.

Estes projetos tiveram início com o estágio e neste momento mantêm-se ativos, pois apesar do término deste, a professora cooperante continua a realizar intercâmbio com novos países e mantém contacto com os países anteriormente referidos, com o objetivo de aprofundar com as crianças, cada vez mais, o conhecimento do mundo que os/nos rodeia.

Até ao final do ano letivo prevê-se que o grupo termine a construção do mapa, do livro de receitas e do glossário. Caso seja possível, este projeto será exposto e apresentado e partilhado com outras crianças. Por sua vez, enquanto estagiária noutra local, a

futura educadora/professora e investigadora mantém os contactos possíveis, quer com a docente, quer com as crianças, acompanhando com registos, escritos e imagéticos, a evolução das aprendizagens sem a sua presença mas com continuidades desejadas por todos os que começaram o projeto.

É ainda importante referir a valorização das famílias, pois desde o início que se mostram interessados e disponíveis para partilhar contactos e participar nas nossas descobertas.

Conclusões

Consideramos que o tema deste estudo é pertinente e muito relevante, pois a escola tem um papel fundamental no que diz respeito à inclusão de todos na sociedade escolar, e só haverá inclusão se houver compreensão. Tal como refere Gonçalves (2004) “a melhor educação é aquela que favorece o (re)conhecimento do outro e da sua diversidade manifestadas nos vários campos: social, económico, cultural, político, religioso” (p.20).

A forma como as crianças têm abordado os temas em sala de aula, os relacionamos com os conteúdos curriculares e a forma como temos trabalhado valorizando a sua participação ativa, assim como os processos comunicacionais, tem revelado influências na vida das crianças na escola, quando as observamos e escutamos atentamente e refletimos em conjunto sobre o que vimos e ouvimos. O mesmo tem acontecido com as suas vivências em sociedade, quando nos trazem as vivências de casa para partilharem connosco e com os colegas, ou quando os pais nos comunicam por e-mail ou na escola curiosidades que partilham noutros locais, manifestando entusiasmo. Assim, do ponto de vista da identidade profissional, consideramos que enquanto docentes, estamos a assumir um papel de professor Inter/Multicultural. Por sua vez, as evidências analisadas até ao momento, permitem-nos afirmar que este caminho percorrido para conhecermos melhor o outro também está ao serviço de podermos ser melhores pessoas, produzir conhecimentos e manter relações mais adequados ao mundo em que todos vivemos, aprendendo para além do currículo prescrito. É nossa opinião que, tal como refere Silva (2007), a escola é para todos na medida em que acreditamos “na democracia participativa numa escola democrática que conduzirá ao sucesso mesmo das crianças diferentes” (p.41). Um professor Inter/

Multicultural vê a diversidade cultural como uma mais valia para os processos de ensinar e de aprender, e compreender como podemos fazer acontecer essa pedagogia foi o foco de todos os interesses ao longo do estágio. Como é que sendo diferentes, o facto de o grupo construir e reconstruir novos significados e aprendizagens os farão tornar-se melhores cidadãos no futuro, continua a mover-nos apesar de termos algumas respostas que a nossa experiência vivida permitirá partilhar num futuro próximo, isto é, quando o Relatório da PES se concretizar totalmente.

No decorrer deste estudo tive a oportunidade de realizar diferentes atividades que me proporcionaram momentos muito interessantes com a turma e com a professora cooperante, sendo que é uma mais valia realizar este projeto com uma docente que já lecionou em diferentes geografias do mundo, que partilha as suas vivências e nos vai dando um testemunho em primeira mão de como a vida é diferente em outros países, onde as fotografias, os objetos e os vídeos nos permitem conversar e pensar em conjunto.

No decorrer deste estudo foi possível perceber, igualmente, que muitas crianças não tinham noção do mundo que as rodeia, para além da cidade que bem conhecem. Considero, refletindo sobre o que verbalizaram e sobre alguns conflitos entre crianças que registámos, que esta abordagem se tem mostrado uma valiosa forma das crianças conhecerem mais à sua volta e saibam como modos diferentes de pensar e de agir perante as diferentes realidades existentes não são indiferentes na vida individual e coletiva.

Em função dos momentos de partilha em sala foi possível planejar outros momentos de trabalho e fazer reflexões que nos têm permitido perceber que o grupo está a crescer culturalmente, começando a olhar para o mundo de uma forma mais completa e a olhar para a sociedade que nos rodeia problematizando aspetos que antes não questionavam. A alimentação de qualidade e a necessidade humana inerente que nem todas as crianças vêm satisfeita do mesmo modo, por exemplo.

Apesar do término do estágio tanto a professora cooperante como o grupo mostraram interesse em continuar a desenvolver o projeto. Assim, este está continuado, permitindo que as crianças continuem o intercâmbio com os outros países, aprofundando ainda mais os seus conhecimentos e construindo aprendizagens. Consideramos, pois que este projeto se tem revelado muito importante para todos nós, mostrando-nos que cultivar práticas e conhecimentos que englobem a diversidade e que permitam que se conheça o outro compreenden-

do-o, permite combater ações preconceituosas e discriminatórias. Foram as crianças a firmarem tais pressupostos, levando as nossas reflexões mais longe. Então, pensamos que o reconhecimento positivo das diferenças deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida, dando a conhecer às crianças a existência de diferenças culturais, visto que estamos inseridos numa sociedade multicultural (Santos, 2006, p.26).

Tendo em conta e o interesse do grupo em partilhar o trabalho que temos realizado, está previsto, no final do ano letivo, a realização de uma apresentação do projeto à comunidade escolar, a partir da qual tencionamos recolher informações que nos possibilitem retomar reflexões anteriormente realizadas. Com isso, pensamos que alcançaremos uma mais profunda compreensão dos fenómenos em estudo e que através da narração da experiência na sua totalidade, poderemos construir e divulgar conhecimento profissional científico produzido participadamente e no seio da profissão docente.

Referências

- Alonso, M. L. (1998). *Inovação curricular, formação de professores e melhoria da escola: uma abordagem reflexiva e reconstrutiva sobre a prática da inovação/formação* (Vol. 1) . Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança, na área de conhecimento de Currículo e Metodologia. Braga: Universidade do Minho.
- Gonçalves, J. L. (2004). *O (Re)conhecimento do Outro - Um Desafio à Educação Cristã*. Lisboa: SNEC.
- Lani-Bayle (2020). *Quando as crianças falam de sua escola e (nos) ensinam*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, 5 (15), 954-969.
- Leal da Costa, C. & Sarmiento, T. (2018). *Escutar as crianças e (re) configurar identidades – interações com voz*. Revista Educação em Análise, 3 (2), 72-94.
- Moreira, A., & Candau, V. (2005). *Educação como exercício da diversidade*. MEC: UNESCO.
- Passeggi, M. C. (2011). Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica em educación. *Revista Educación y Pedagogía*, 23, 25-40.
- Pineau, G (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, 32 (2), 329-343.
- Santos, E. (2006). *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Cavalleiro. Contexto: São Paulo

- Silva, M. (2007). *Escola e diversidade cultural dos alunos* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, Évora). Consultada em <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16111/1/Maria%20Rosete%20Monginho%20Martins%20Rodrigues%20da%20Silva%20-%20Tese%20de%20Mestrado%20-%20160%20754.pdf>
- Suárez, D. & Metzdorff, V. (2018) Narrar la experiencia educativa como formación. La documentación narrativa y el desarrollo profesional de los docentes.. *Revista de Educación*, (28), 49-74.